

O MARAVILHOSO E O FANTÁSTICO NOS RELATOS DE MARCO POLO

Vinicius Correia Amaral

Graduando de História

Bolsista CNPq

Câmpus CSEH

Vni.66@gmail.com

Introdução

Marco Polo junto com seu pai e tio, exploravam a rota da seda na Ásia como mercadores, provenientes de Veneza esses tinham o comercio como meio de vida, percorrendo as terras do grande Cã imperador de quase toda a Ásia, Polo acaba cativo de Cublai Cã.

Por mais de 20 anos Marco Polo é cativo de Cublai Cã, numa relação conflituosa e dicotômica entre ser ao mesmo tempo, cativo, assim como convidado na grande corte do Cã, este acaba integrado a toda a estrutura hierárquica do reinado, fazendo parte do conselho, e principalmente exercendo a função de cobrador de imposto.

Cublai Cã neste período já era senhor da China, fato que seu antepassado ilustre o grande Gênsis Cã sempre almagrou, mas não conseguiu êxito, Cublai era senhor então de grande parte da Ásia, possuindo inúmeros reinos vassalos, aos quais Polo terá contato exercendo o seu ofício.

É, portanto, decorrente deste contato com inúmeras terras que Marco Polo irá escrever anos depois, já retornado a Europa, O Livro das Maravilhas, neste livro Polo irá descrever os reinos pelo qual passou, descrevendo histórias, que este presenciou

pessoalmente, ou que lhe contaram, relatando também geograficamente tais reinos, assim como a sua flora e fauna.

Neste Relato que integra um estilo literário extremamente pertinente ao estudo do medievo, os chamados Livros de Viagens Medievais, um dos elementos que irá se fazer presente é o da *maribilia*, onde o maravilhoso se funde ao real, as lendas, mitos, e lugares utópicos, convivem com os relatos geográficos, históricos, transformando uma forma narrativa única.

A análise dos elementos fantásticos e maravilhosos nos relatos produzidos por Marco Polo durante todo seu período na corte de Cublai Cã, é o objetivo deste artigo, onde tentaremos analisar tais elementos, sob a perspectiva de um mundo medieval que ansiava por elementos fantástico, onde o exótico e maravilhoso de terras longínquas as da Europa estava intrinsecamente integrado a construção da sociedade medieval.

Os Livros de Viagens Medieval

O período medieval tem ainda no senso comum uma ideia de estagnação, evidentemente que no campo historiográfico através das revisões tal paradigma já se faz de um todo desconstruído. Num oposto dicotômico a estagnação nos temos o fato de o homem medieval ter viajado e muito, num contínuo processo de circulação, este largou muitas vezes o seu lar, para se aventurar em terras novas, longínquas, e em sua concepção exóticas.

É possível sem dúvidas fazer um paralelo direto entre essa cultura medieval, e o expansionismo marítimo do sec XVI, onde a concepção de exótico, o imaginário fantástico e mítico criado em toda a Idade Média, é o mesmo que vai ser usado no descobrimento da América, provando este no campo historiográfico ser um mundo de continuidades, e não de rupturas, porque não uma longa duração como propõe Le Goff.

Decorrente desta circulação do homem medieval, irá se produzir um estilo narrativo que são os livros de viagens medieval, este eram produzidos pelo próprio viajante que tinha como objetivo primário relatar os lugares aos quais este passava, eram

compostos em sua maioria por mercadores, o caso de Marco Polo, aventureiros, missionários e peregrinos.

Este possui uma característica distinta uma vez que se trata de uma narrativa, como nos apresenta Renata Cristina Nascimento (2014) do vivido assim como do imaginado, numa fusão de elementos fantásticos e reais.

Os relatos medievais apresentam uma especificidade, pois resultam de uma mescla da realidade presente nos itinerários com aspectos fantásticos, o que permite caracterizar estes textos como *Mirabilia* (Livro das Maravilhas). Nas narrativas há uma ausência de separação entre o que é história, lenda e mito. (NASCIMENTO, 2014, pg 2)

A tentativa de se separar o real, do fictício, neste tipo de narrativa, é um trabalho para não dizer impossível, pouco provável de êxito, a construção do fictício esta intrinsecamente ligada a sociedade medieval, fruto do imaginário coletivo e tradição cultural, e exatamente por isso nos é um dado riquíssimo, por nos transmitir ou refletir, toda uma cultura medieval.

Os livros de viagens oferecem uma visão bastante clara da concepção do mundo e da realidade na Idade Média, ao mesmo tempo que constituem uma fonte incontornável para compreender aspectos muito diversos da cultura medieval. (LOPES, 2006, pg 5)

Para pensarmos um pouco nos elementos que compõem e estruturam a narrativa de viagem, usaremos o modelo proposto por Paulo Lopes (2006) que irá elencar os elementos constituintes deste tipo narrativos como, o respeito por um itinerário, pois é através da organização de um trajeto que irá se construir o eixo central da narrativa.

A ordem cronológica também é parte importante, uma vez que se parte de um itinerário, se faz necessário se situar dentro de um quadro cronológico, ligando o trajeto percorrido com a janela temporal, isso é fundamental uma vez que tal ligação é usada como elemento legitimador para dar veracidade da história contada.

Assim como a ordem espacial, partindo de um trajeto a partir do itinerário traçado, o viajante toma contato com várias regiões diferentes, o que o obriga a fazer uma seleção do que relatar, elegendo certas regiões em detrimento de outras, em decorrência disso as cidades vão se tornar ponto central dentro da narrativa de viagem, o que se comprova no fato de que quando não há centros urbanos no trajeto, há uma aceleração do tempo da narrativa, em quanto que na perspectiva contrária o que se encontra é um retardamento do ritmo temporal, e uma narrativa mais detalhada.

Não podemos deixar de ressaltar aqui a presença da *mirabilia* como um dos elementos fundamentais da narrativa de viagem ao qual nos explica Lopes (2006):

Os viajantes interrompem com frequência a prossecução do seu itinerário para narrar os *mirabilia* que se lhes deparam no caminho ou de que ouviram falar. São narrativas de caráter fabuloso, intrinsecamente associadas aos espaços percorridos, que provocam grande expectativa nos leitores. Dão conta de um mundo insólito e desconhecido, mas absolutamente real, pois havia sido visto e experimentado pelos autores narradores, e maravilhoso, porque se relaciona com aquilo que não é visto e observado quotidiana e familiarmente. (LOPES, 2006, pg 10)

De forma mais resumida também ressalto a ausência clara da separação clara entre o que é geografia, história, lenda e mito, nos relatos. A ausência de ações paralelas, só narrando um evento por vez, muito pelo fato de se seguir o itinerários. A narração sempre linear e continua com predomínio do eu, a história sempre contada na primeira pessoa.

Trajétória do Relato

Marco Polo é proeminente de uma família de mercadores, seu pai e seu tio, são os primeiros a ter contato com os mongóis e a corte de Cublai Cã, nesta primeira viagem ainda sem Marco Polo os irmãos Polo estavam em território mongol quando recebem o convite do grande Cã para ir até ele, convite feito muito pelo fato de Cublai nunca ter tido contato com homens latinos.

Os Polos são muito bem recebidos ficando por um bom tempo na corte do Cã, este mostra interesse no cristianismo, o que abre uma brecha a muito tempo esperada pela igreja, os mongóis poderiam se tornar excelentes aliados, no combate ao mal do Islã. Desejando conhecer mais sobre os preceitos e dogmas do cristianismo Cublai, pede para os irmãos Polo retornarem à Europa, e voltarem a sua corte acompanhados de cem sábios da religião católica.

As disputas do cristianismo contra o Islã, é ponto primordial para se compreender mais a fundo os relatos de Marco Polo, este escreveu no mesmo período das Cruzadas, a tentativa de tomada da terra santa da mão dos mulçumanos, o cristianismo tentava a todo custo lutar contra esse mal que tanto a ameaçava, é nesse contexto de intensas tentativas de tomada de poder que o grande Cã surge como uma esperança de combater o Islã por dentro.

A religião dos mongóis, não possuía uma estruturação e dogmatismo rígido, Cublai permitia o culto variado de religiões dentro de seus domínios, e não era avesso ao cristianismo, o que fez nascer na Igreja Católica a esperança de se ver um grande Cã convertido ao cristianismo, o grande soberano da Ásia um Católico Ortodoxo Romano. O que de fato não irá ocorrer.

Partindo deste objetivo os Polo então em 1269 partem de volta a sua terra natal, para a viagem recebem do grande Cã as chamadas *tabuinas*, que nada mais são que salvo-conduto, que permitiam a eles transitarem por toda a rota da seda, recebendo além da passagem livre, ainda pouso e alimentação por onde passavam.

Quando voltam a Veneza, Nicola que havia deixado a sua mulher grávida quando da partida, encontra Marco Polo já com quinze anos. Os Polos começam então a sua tentativa de reunir os sábios cristãos para retornarem à China onde se encontrava Kublai, porém a morte do papa atrasa consideravelmente os seus planos, precisam então esperar a escolha do novo papa para então lhes requerer os estudiosos católicos, mas quando da escolha os Polos veem frustradas as suas expectativas, recebendo do então papa apenas dois sacerdotes rastos. Esses mesmos sacerdotes irão abandonar o comboio e dar meia volta logo no começo da viagem, que muito se sabe era deveras longa e cheia de intempéries.

Em 1272 os irmãos Polo agora com Marco Polo compondo a comitiva pega o caminho em direção à China para ter com o grande Cã, chegam 3 anos e meio depois, sendo atrasados por uma doença de Marco Polo, chegam sem os sábios pedidos, o que não é bem recebido pelo grande Cã, que já mesclado com a cultura chinesa, e sem elementos persuasivos suficientes não adere ao cristianismo.

Os irmãos Polo tal como Marco Polo se integra muito bem a toda a estrutura burocrática e hierárquica da corte, nela permanecendo por cerca de 20 anos, e através deste produz seu relato.

Apesar de ter permanecido por tanto tempo na corte do grande Cã, um fato inusitado nos é apresentado, Marco Polo não manteve durante todo esse período, pelo menos o que nos parece, nenhum tipo de registro escrito, e seu livro será produzido posteriormente já em solo europeu.

Andréa Doré (2015) irá nos trazer algumas informações que nos dará pistas de como se deu a confecção deste livro, uma vez que nada no relato nos elucida sobre o seu processo criativo, se atentando apenas nas descrições.

Marco Polo retornando à Veneza em 1298, participou de uma batalha na costa da Dalmácia contra os genoveses sob o comando do capitão Lamba Doria, a frota veneziana com 32 galés fora derrotada e entre um dos capitães da frota estava Marco Polo, os derrotados foram feitos prisioneiros, entre eles Marco.

Pouco se sabe sobre o período em que Marco esteve cativo, o que se sabe é que diferente do que se pensa, Marco não esteve preso em uma cela restritiva, os prisioneiros de guerra com algum prestígio, era levado para famílias genovesas respeitadas que eram

responsáveis por receber esse cativo, e não necessariamente trata-lo de forma desumana ou o escravizando.

A partir dessa forma de cativo a Marco Polo foi permitido a conversação, e a troca de ideias, na prisão Marco tem contato com Rustichello e conta para este todo as coisas vividas nos seus 26 anos vivendo no Oriente Medieval, e a partir desta lembrança que surge a vontade de se registrar em papel o período vivido.

O cativo funcionou, assim, como o momento de lembrar e relatar as experiências passadas e a excepcionalidade da situação presente. A reclusão possibilitou a confiança gerada talvez pelas privações e pela partilha da ociosidade. (DORÉ, 2015, pg 309)

Muito se discute sobre a autoria integral do livro produzido, Marco Polo não tinha o hábito de produzir escritos, e por tanto o mais provável é que este tenha ditado o relato para um outro escrevê-lo, porém não a dados concisos que possam afirmar tais teorias, o que se sabe é que escrevendo por mãos próprias ou de profissionais, nada retira de Marco o mérito pelo trabalho produzido.

O Maravilhoso

O maravilhoso dentro do universo medieval possui lugar de destaque, o elemento fantástico se constrói através de uma consciência coletiva, produzida por uma herança cultural do medieval.

Le Goff (1986) irá conceituar o maravilhoso medieval, buscando encontrar no latim medieval a sua origem epistemológica, chegando a palavra *mirabilia*, termo este que tenta abarcar toda a amplitude do maravilhoso no medieval. Uma vez que tomamos hoje o maravilhoso como um elemento fictício, produzido a partir de uma construção cultural, para a época se tratava de adjetivo relacionado a toda uma realidade vivida e experimentada, e por isso real.

Tzvetan Todorov (1980) trará no seu estudo `` Introdução à Literatura Fantástica `` também uma contribuição para a compreensão sobre este gênero literário tão específico que é a narrativa do maravilhoso e fantástico, como por exemplo a sua explicação sobre a relação dicotômica entre o estranho e o fantástico, mostrando que o fantástico terá sempre a sua explicação encontrada nos elementos sobrenaturais.

O maravilhoso no ocidente medieval, vai se encontrar muito mais vivamente nos assim chamados lugares utópicos, para além dos mitos de caráter bíblico, em sua maioria inspirados no Apocalipse, os lugares utópicos sempre se mantiveram vivos e são partes constituintes das narrativas de viagens do medievo.

Os principais lugares utópicos presentes nestes relatos são sobre a Cocanha, lugar imaginário onde o ócio seria abençoado, o Paraíso Terrestre, a ideia de um pedaço dos céus na terra, e o principal deles o mito de Preste João.

Outra utopia bastante recorrente nas narrativas de viagem é o país de Preste João. Essa lenda, divulgada na Europa do século XII, liga-se ao momento vivido pelas cruzadas no oriente, pois disseminou-se entre os cruzados a ideia de que existiria um reino cristão na Ásia e que atacaria o islã pelas costas. (NASCIMENTO, 2014, pg 3)

Marco Polo afirma em seus relatos ter encontrado o reino de Preste João, e nos apresenta dados para legitimar tal afirmação, não nos cabe aqui cair no mérito de veracidade, uma vez que como já nos explicou Le Goff o maravilhoso para o medievo abarca outras perspectivas.

Os milagres da fé católica também se mostram constantemente presente nos relatos de Marco, como por exemplo o relato sobre os três reis magos, elencando então a história do cristianismo com o seu relato geográfico e histórico.

Decidiram, então, ir os três ao mesmo tempo, encontrando o Menino do tamanho e com a idade que lhe correspondia (pois não tinha mais do que três dias). Prostaram-se diante dele, oferecendo-lhe o ouro, o incenso e a mirra. O Menino aceitou tudo aquilo e em troca ofereceu-lhes um cofrezinho fechado. Os Reis Magos voltaram aos respectivos países. (POLO, 2011 pg 62)

Há ainda no âmbito religioso vários relatos de milagres, mostrando a força imponente do cristianismo, em detrimento do mal do islamismo, aqui apresentado sempre de forma dicotômica, numa relação bem e mal típica do cristianismo, isto, no entanto não impede Marco de relatar tais povos, apenas se atentando as ressalvas de tais relatos.

Conclusão

Marco Polo nos traz sem dúvidas um relato riquíssimo e revelador de uma realidade tanto vivida, quanto imaginada, fruto de um imaginário europeu constituído por uma herança cultural nos apresenta em um primeiro momento o relato de terras longínquas, exóticas, fantásticas e permeada pelo maravilhoso que é o oriente medieval, mas também nos apresenta uma própria síntese do ocidente medieval, que através dos seus mitos e lendas se revela.

O maravilhoso se analisado numa perspectiva para além do reducionismo ideal da ficção, pode servir de desvelador de toda uma sociedade que através de sua herança, nega ou aceita o maravilhoso na sua constante mutação na formação de uma sociedade.

Marco Polo se mostra então como um portal para dois mundos, o seu do medievo ocidental, com sua Europa milenar repleta de elementos fantásticos, tanto para a sua explicação do mundo, mas fundamentalmente para o olhar do outro, do exótico, e o oriental com sua pungência desconhecida, com seu ineditismo tentador e encantador.

A sua importância então se faz inegável, e seu relato vai servir quase como de forma única como o retrato do Oriente até a modernidade com as expansões marítimas.

Referências Bibliográficas

GOFF, Jacques Le. *Homens e Mulheres na Idade Média*. SP: Liberdade, 2013.

GOFF, Jacques Le. *O Maravilhoso e o Cotidiano no Ocidente Medieval*. Lugar da História, 1924.

JUNIOR, Benjamim Abdala. *Introdução a análise da narrativa*. SP: Scipione, 1995.

LOPES, Paulo. *Os Livros de Viagens Medievais*. In *Medievalista*. Lisboa: Ano 2. Nº 2, 2006. p 1-32.

POLO, Marco. *O Livro das Maravilhas*. Trad. Elói Braga Junior. Porto Alegre: L&PM, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. SP: Perspectiva, 4ª edição, 2010.

DORÉ, Andréa. *Encontros no cativo entre o Mediterrâneo e o Ocidente Índico (sécs. XIII – XVII)*. Revista Diálogos Mediterrânicos, Número 8, junho 2015. p 305 – 319.

NASCIMENTO, Renata Cristina Souza. *Narrativas e Literatura de Viagens na Idade Média*. Rev. História Helikon, Curitiba, v.2, n.2, p. 114-125, 2º semestre 2014.